

## **Anáfora e Cognição: processos referenciais e conceitos basilares em Linguística Cognitiva**

Silvio César Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** *O artigo conjuga as teorias da Linguística Textual com os conceitos basilares da Linguística Cognitiva para uma análise textual que leve em consideração tanto o co-texto linguístico como o contexto extralinguístico no processo referencial anafórico, mostrando que a comunicação não se faz apenas pelas palavras, mas por toda uma rede cognitiva interacional.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Linguística Textual; Linguística Cognitiva; Anáfora*

### **Palavras iniciais**

Este artigo tentará expor de forma sucinta como os processos referenciais, tais como instabilização (MONDADA e DUBOIS, 2003), referenciação (KOCH, 2009) e anáfora (MARCUSCHI, 2005), podem ser relacionados a alguns conceitos inerentes à Linguística Cognitiva, como os Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987) e Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1985), que têm ajudado na análise e desenvolvimento de novos estudos em Linguística Textual.

Inicialmente será exposta a mudança do conceito de referência com a dissociação do mundo objetivo e do mundo discursivo, local de real efetivação dos processos referenciais. Em seguida serão mostrados alguns conceitos concernentes ao modelo dinâmico intersubjetivo da referenciação, enfatizando as diferenças e semelhanças entre as anáforas diretas e indiretas, uma vez que esses conceitos ainda se encontram em constante conflito na literatura.

Em seguida, serão trazidos a lume alguns conceitos cognitivos, sobretudo os que servem de base ao processo de instabilização da relação entre os nomes e as coisas que influenciam de maneira incisiva a análise textual, para que possam ser apresentados e apreendidos principalmente por neófitos e não-iniciados em linguística cognitiva.

Por fim, será apresentada uma proposta de análise que levará em consideração os conceitos supracitados a fim de que seja demonstrada a

---

<sup>1</sup> Aluno do Programa de Mestrado em Língua Portuguesa do Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

importância dos processos de instabilização e do implícito no processamento do conteúdo informacional.

### **1. A instabilidade referencial**

A referência é um tema discutido através dos tempos, uma vez que o modo de percepção do mundo pelo homem tem recebido diversos tratamentos dependendo da época em que nos encontramos.

Na Antiguidade, Platão, entre muitos outros temas, já fazia refletir Hermógenes, Crátilo e Sócrates acerca da nomeação das coisas do mundo, colocando como questão principal se os nomes adveem das coisas, ou se é uma convenção dos homens.

Após séculos, ainda vigeu entre os estudos linguísticos a noção de referência como algo estático e de correspondência biunívoca entre os termos da superfície textual, mas, em alguns pontos, já se via uma seminal e incipiente visão dinâmica da referência, sobremaneira nas pesquisas de Koch (2003) e Koch e Marcuschi (1998).

Dessa forma, a perfeita estabilidade clássica foi colocada à prova e as proposições que só valiam em relação às suas condições de verdade são adjungidas a outras sentenças da língua que agora considerariam não mais o mundo objetivo e perfeito, mas também o mundo discursivo, que não possui os objetos reais e sim os “objetos de discurso”, termo introduzido por Mondada e Dubois (2003: 35), que além da mudança no paradigma também postulavam uma instabilidade generalizada na relação entre os objetos de discurso e as práticas discursivas que operam de maneira intersubjetiva.

Entre os processos de instabilização, as pesquisadoras enfatizam um processo diacrônico, ou seja, aquele que se opera através do devir temporal, como a mudança semântica ocorrida entre “aquário” (em Roma, empregado público encarregado da inspeção dos aquedutos); e “piscina” (*piscina*, *ae* ‘viveiro de peixes; derivado de *piscis*, *is* ‘peixe’), em que o primeiro vocábulo passou a designar especificamente um lugar para a criação de peixes, e o

Anáfora e Cognição: processos referenciais e conceitos basilares em Linguística Cognitiva

segundo perdeu esse significado para designar lugar de banho ou prática de esportes aquáticos para seres humanos.

Há também o processo instabilizador sociocognitivo, em que certo termo linguístico muda sua referência ou sentido por motivos de ordem sociocultural, como ocorreu no pronunciamento do representante do DNIT, Luiz Antonio Pagot, publicado em um blog: segundo perdeu esse significado para designar lugar de banho ou prática de esportes aquáticos para seres humanos.

Há também o processo instabilizador sociocognitivo, em que certo termo linguístico muda sua referência ou sentido por motivos de ordem sociocultural, como ocorreu no pronunciamento do representante do DNIT, Luiz Antonio Pagot, publicado em um blog:

AH, MELHOROU

Para quem vai viajar pelas estradas federais no Carnaval, vai uma informação: não há buracos na Fernão Dias e na Régis Bittencourt. O que existem são “zonas de desconforto”. (Blog Política em Debate, 31/01/2008)

A expressão grifada representa uma recategorização de ‘buracos’, termo que no contexto tem valor negativo em relação ao cargo exercido pelo falante. Desse modo, ele tenta uma graduação entre ‘buracos’ e ‘sem buracos’ provavelmente por motivos de ordem econômica e social (a preservação do emprego).

## 2. A referenciação

Com a evolução dos estudos na área da Linguística Textual, a referência, agora denominada referenciação, abre caminho para uma interdisciplinaridade de estudos que ajudarão a conceber novos conceitos através de aparatos metodológicos antes não utilizados, sobretudo os postulados pela Linguística Cognitiva que “busca ativamente as correspondências entre o pensamento conceptual, a experiência corpórea e a estrutura lingüística, ao tempo que intenta descobrir os conteúdos reais da cognição humana.” (GIBBS, 1996: 49).

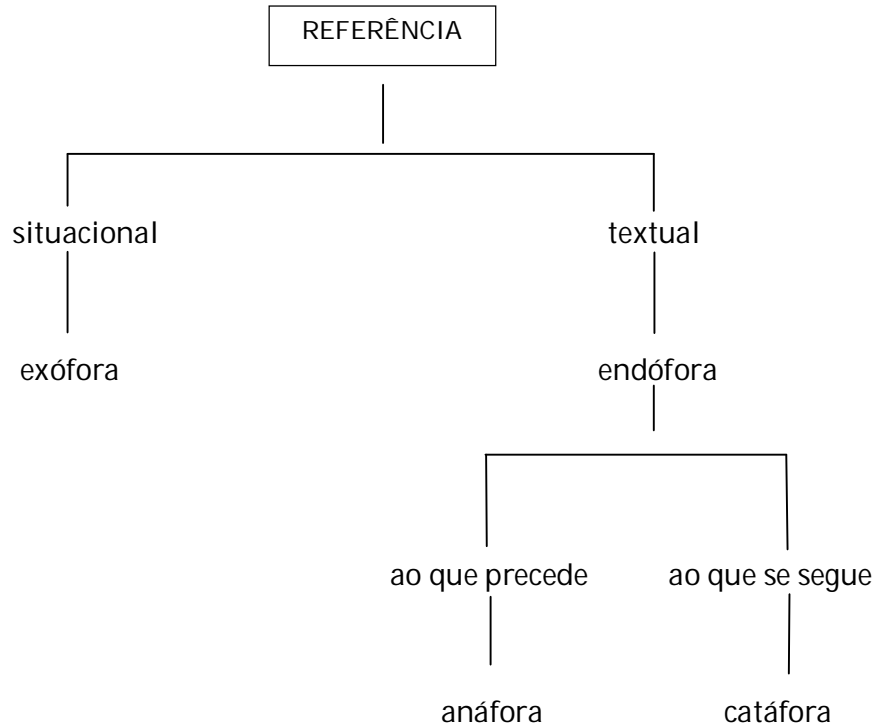
Desse modo, poderão ser observadas complexas operações que envolvem os processos referenciais na construção discursiva dos conteúdos informacionais que levarão em consideração diversos conhecimentos inerentes à natureza humana que antes eram deixados de lado por pertencerem a áreas distintas da Linguística, consideradas de maneira autônoma e isolada em relação aos estudos estritamente linguísticos.

### **2.1. A anáfora**

O fenômeno da anáfora vinha sendo investigado inicialmente sob uma análise transfrástica – em que era considerada a relação pontual e biunívoca entre palavras e/ou palavras e expressões – e, posteriormente sob a ótica sociocognitiva – que considera o contexto extralinguístico, o conhecimento de mundo, além dos conhecimentos linguísticos dos interlocutores – e, nesse ínterim, pode-se verificar facilmente muitos conflitos dos estudos, alguns de ordem etimológica, outros de ordem epistemológica.

Como não é o fulcro desse estudo demonstrar as divergências entre diversas correntes, tentar-se-á demonstrar como o estudo da anáfora evoluiu, partindo de um quadro expositivo representado por Koch (2003) que usa a anáfora como uma das estratégias de *referência*, focalizando, principalmente, sua localização em relação ao referente, para uma concepção mais dinâmica e interacional dos processos referenciais que asseveram que a cadeia referencial é construída através de uma rede conceptual e que seus nódulos se interligam por meio de processos cognitivos que utilizam conhecimentos de diversas naturezas.

Anáfora e Cognição: processos referenciais e conceitos basilares em Linguística Cognitiva

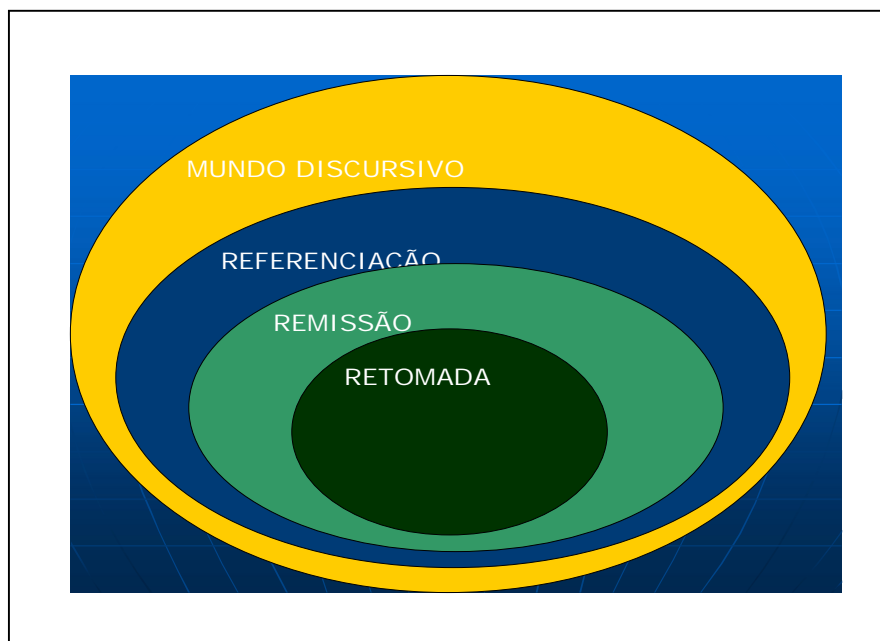


Koch (2003)

A anáfora é um fenômeno linguístico que possui algumas faces diferentes, cada uma relacionada a uma diferente categoria de referenciação. Etimologicamente, a anáfora significa *ana-* 'para trás' + *phorá* 'ação de levar transportar' (HOUAISS, 2001), ou seja, levar algo para trás e, dependendo do modo como isso se opera, teremos diferentes processos anafóricos.

Os princípios ou estratégias de referenciação recebem diferentes denominações em diferentes autores e mesmo em um mesmo autor em obras diferentes, mas o conceito parece seguir uma linha sociocognitiva. Koch (2009) denomina os três princípios como: i) *ativação*, que será a primeira ocorrência de um referente textual; ii) *reativação*, quando o termo já introduzido é ativado por meio de uma forma referencial; iii) *de-ativação*, em que ocorrem duas operações: a ativação de um novo referente textual e a desativação do referente anteriormente ativado. (cf. KOCH e ELIAS, 2008: 125-6)

Esses princípios estão presentes em todos os processos anafóricos, mas será pertinente também apresentar as categorias hierarquizadas a que esses processos estão vinculados: i) *a retomada* implica remissão e referência; ii) *a remissão* implica referência e não necessariamente retomada; iii) *a referência* não implica remissão pontualizada nem retomada (KOCH e MARCUSCHI, 1998). Além de uma relação hierárquica, observa-se também uma relação de inclusão, representada no gráfico abaixo:



Relação de inclusão nos processos anafóricos

em que, inseridas em um mundo discursivo, as categorias referenciais partem de uma mais geral: *a referênciação*, para duas mais específicas: *a remissão* e *a retomada* que embora muitos considerem, não é a mais prototípica (MARCUSCHI, 2005).

## 2.2. A anáfora indireta

O fenômeno anafórico está diretamente relacionado com as categorias referenciais citadas anteriormente, uma vez que, diante de uma retomada, estará ocorrendo necessariamente uma anáfora direta, porque estará implicado

Anáfora e Cognição: processos referenciais e conceitos basilares em Linguística Cognitiva

uma operação de correferencialidade<sup>2</sup> (cf. KOCH, 2009: 84) e, nos casos em que a correferencialidade não ocorre, estar-se-á diante de uma anáfora indireta<sup>3</sup>.

Entre os casos de anáfora indireta, têm-se a referenciação por meio de meronímias, em que ocorre uma relação parte-todo, como na frase “O carro ficou acabado. As rodas empenaram, o para-brisa quebrou e a lataria está totalmente retorcida.”; note-se que nesse caso a relação é entre palavras, diferentemente do que ocorre no caso de remissão anafórica por meio de hiponímia em que a relação é entre conceitos, “Os veículos ficaram acabados. O caminhão por ser mais pesado ficou menos danificado que o pobre do fusquinha.”, em que a relação é entre o conceito de veículo e suas ideias associadas.<sup>4</sup>

Outro caso representativo de anáfora indireta é a *rotulação*<sup>5</sup>, uma vez que encapsulam e sumarizam sentenças, períodos ou parágrafos anteriores, operando argumentativamente por via de processos cognitivos como no exemplo a seguir:

“O presidente Luís Inácio Lula da Silva falou que, mesmo com as imagens fortíssimas, o governador Arruda não deveria ser condenado sem uma criteriosa investigação. *Essa esquiva* não foi bem recebida pela imprensa nem pela população.”

em que o termo definido “*a esquiva*”, além de sumarizar toda uma informação anterior, ainda indica a direção argumentativa tomada pelo autor do texto, que usa para isso o conhecimento de mundo de seu interlocutor.

---

2 Em seu conceito de retomada, a autora inclui tanto o caso de correferencialidade quanto o de **associação**, provocando um conflito com o conceito de **remissão**, no qual afirma que “a noção de remeter diz respeito a um movimento textual em que se dão relações não necessariamente correferenciais.”

3 Alguns autores insistem em um recrudescimento da taxonomia dissociando anáfora indireta e anáfora associativa, aqui se entende esta como subtipo daquela.

4 Note-se que a relação meronímica é uma relação de “*parte de*”, enquanto a relação hiponímica é uma relação “*tipo de*”.

5 Novamente aqui é comum ver-se conflitos entre os conceitos de *nominalização*, *encapsulamento*, *rotulação* e *sumarização*; mas, nesse estudo, considerar-se-á *nominalização* os casos em que ocorre a correspondência entre uma predicação e a forma morfológica do elemento de referenciação, por conseguinte considerada um caso de anáfora direta, haja vista a correferencialidade.

Acreditamos ter ficado patente que a diferença entre anáfora direta e indireta está relacionada ao conceito de correferencialidade, uma vez que na anáfora direta ocorrerá uma concordância gramatical de número ou gênero, como a seguir: “O problema dos *países que estão crescendo*, que já saíram da crise, é que em tese *eles* não precisam desse excesso de liquidez.” (O GLOBO, 27/10/2010), em que o pronome reto *eles* concorda em gênero e número com *países que estão crescendo*.

Não é o que ocorre em: “A *decoração de natal* estava esplêndida. Pena que *o peru* assou demais. As pessoas vestidas com sobriedade e discrição contribuía(m) com a harmonia do ambiente.”, visto que *peru* concorda mentalmente com *a decoração de natal*.

### 3. Os conceitos cognitivos

Com o deslocamento do conceito da relação especular entre o mundo objetivo e as palavras para uma relação interdependente de mundo objetivo, mundo discursivo e a Referenciação, novos conceitos emergiram para dar fulcro a uma análise intersubjetivista entre o mundo e as entidades e processos que nele habitam. Não se trata aqui de uma “instabilidade generalizada”, como postula Mondada e Dubois (2003), mas de uma operacionalização que considera a língua não como um sistema de código autônomo, mas como a confluência de fatores linguísticos, pragmáticos, cognitivos e sensório-motores entre outros.

Muitas são as operações cognitivas utilizadas no processo de referenciação. Nesse breve estudo serão enfatizadas as mais recorrentes como:

- a) os *Espaços Mentais*, que são pequenos pacotes conceptuais construídos enquanto pensamos ou falamos, intentando um local de entendimento e ação. Os *Espaços Mentais* contém elementos parcialmente reunidos e estruturados por *Frames* e *Modelos Cognitivos*, que são interconectados e podem ser modificados à medida que pensamos e desenvolvemos o discurso.
- b) (FAUCONNIER, 1985). Como exemplo, podemos destacar a capa de um jornal de grande circulação no Rio de Janeiro em que os *Espaços Mentais* vão



sendo ativados desde a manchete, dando pistas e construindo *on-line* o conteúdo informacional:

**“ACABOU O CLUBE DO BOLINHA”**

Depois do **metalúrgico**, uma **mulher**. Graças a 55 milhões de votos, **Dilma Rousseff (PT)**, de 62 anos, foi eleita ontem a primeira presidente do Brasil, com 56% do eleitorado. [...] (capa do jornal *Extra* de 01/11/2010)

Nesse texto, a primeira ocorrência na cadeia referencial (*Clube do Bolinha*) ativa na mente do falante a ideia de um *'grupo formado exclusivamente por homens'* e se associa via concordância mental com *'metalúrgico'* e depois com *'mulher'*, que continua a construção da rede referencial com *'Dilma Rousseff'* e *'primeira presidente do Brasil'*. Cada termo grifado ativa os *Espaços Mentais* de: i) *grupo de restrito de homens*; ii) *Presidente da República*; iii) *Presidente eleita*.

c) os *Frames*, que estão relacionados a uma espécie de cena cognitiva, em que elementos do discurso possuem algum tipo de relação associativa, dependendo da perspectiva em que a cena é enquadrada.

d) o *Modelo Cognitivo Idealizado (MCI)*, que consiste nas expectativas sociais que temos sobre determinado evento, entidade e processo. Como exemplo temos, no *MCI* do brasileiro, o dia de finados como um dia de lembranças, respeito e resignação em relação aos que já morreram; enquanto que, em determinados países, como o México, o dia dedicado aos mortos é considerado um dia de festa com feiras, danças e outros tipos de comemoração e assim diferentes pessoas podem ativar diferentes *MCI's* quando falam ou lêem sobre um determinado assunto, gerando frequentemente uma incongruência comunicativa quando não possuem *MCI's* equivalentes. Um exemplo empírico seria uma notícia do jornal *O Globo*: “Meirelles quer medidas imediatas contra

bolhas” (O Globo, 27/10/2010); em que, se não houver a congruência entre os *MCI*'s do escritor e do leitor para desvendarem que o referente “Meirelles” diz respeito ao Presidente do Banco Central, logo, o responsável pela variação nas taxas de juros que influenciam o aparecimento de “bolhas” econômicas em determinado país. Esse conjunto de informações ativadas pelos termos acima deverão fazer parte do repertório de conhecimentos contidos no *MCI* do leitor para que ocorra o entendimento do conteúdo informacional.

#### 4. Proposta de análise

Tentar-se-á nesta seção a análise do fenômeno anafórico, utilizando para tal alguns conceitos sociocognitivos, como os já supracitados e os fundamentos advindos da Linguística Textual, para que também seja explicitado que a instabilização referencial pode servir aos propósitos discursivos em uma operação cognitiva cambiante.

Leia-se o texto, referente à manchete abaixo:



Jornal *Meia Hora* – 11/11/2010

**“FOGO NA PERERECA DÁ NISSO”**

### Mulher incendeia casa, ao tentar espantar a "*bichinha*"

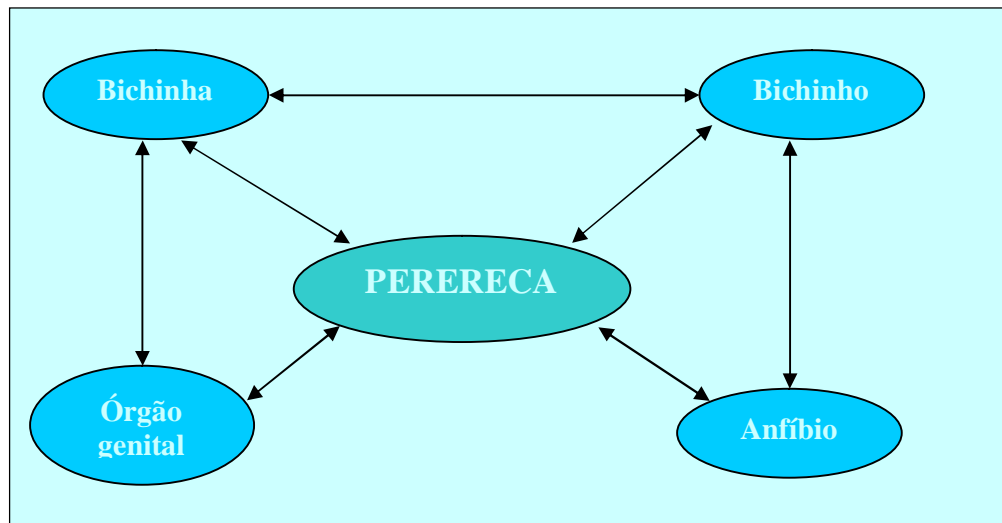
Uma costureira, de 59 anos, incendiou toda sua casa, na noite de terça-feira, em piquete, no interior de São Paulo, *após tentar colocar fogo na perereca*. A pobre senhora não tentou incendiar *seu órgão genital*, não. Ela apenas sentiu medo de um *bichinho*, que entrou no seu banheiro e a pegou de surpresa.

A mulher, que mora sozinha na casa, foi até ao banheiro para tomar banho quando se deparou com *o anfíbio*, de aproximadamente 2 centímetros. Assustada, ela fez uma tocha improvisada com retalho de pano e um pedaço de madeira. (Meia Hora, 11/11/2010).

#### 4.1. As cadeias referenciais

O primeiro princípio de referenciação envolvido na construção do texto é, logicamente, a *ativação* do referente '*perereca*', que será *reativada* por uma *retomada* referencial que usa a palavra '*bichinha*', na cabeça do texto. A *reativação* seguinte faz uma nova *retomada* com o mesmo item lexical '*perereca*'.

No segundo período, podemos verificar como a construção discursiva faz uso de operações cognitivas para que seja realizado o fluxo informacional. Agora a cadeia referencial continua sua ligação por nódulos através de uma *desativação* que avança por meio de uma *remissão*, que, ainda que ligada aos referentes anteriores, *desativa* e *ativa* um novo referente '*órgão genital*', que será *desativado* logo em seguida, para dar lugar a uma forma de *remissão* por hiperonímia '*bichinho*', que se ligará ao segundo significado de '*perereca*'. O último nódulo da rede referencial faz uma *reativação* por *remissão* através de uma hiponímia representada pela palavra '*anfíbio*'. A seguir, é exposta uma representação sinótica da cadeia referencial:



## 5.2. As operações cognitivas

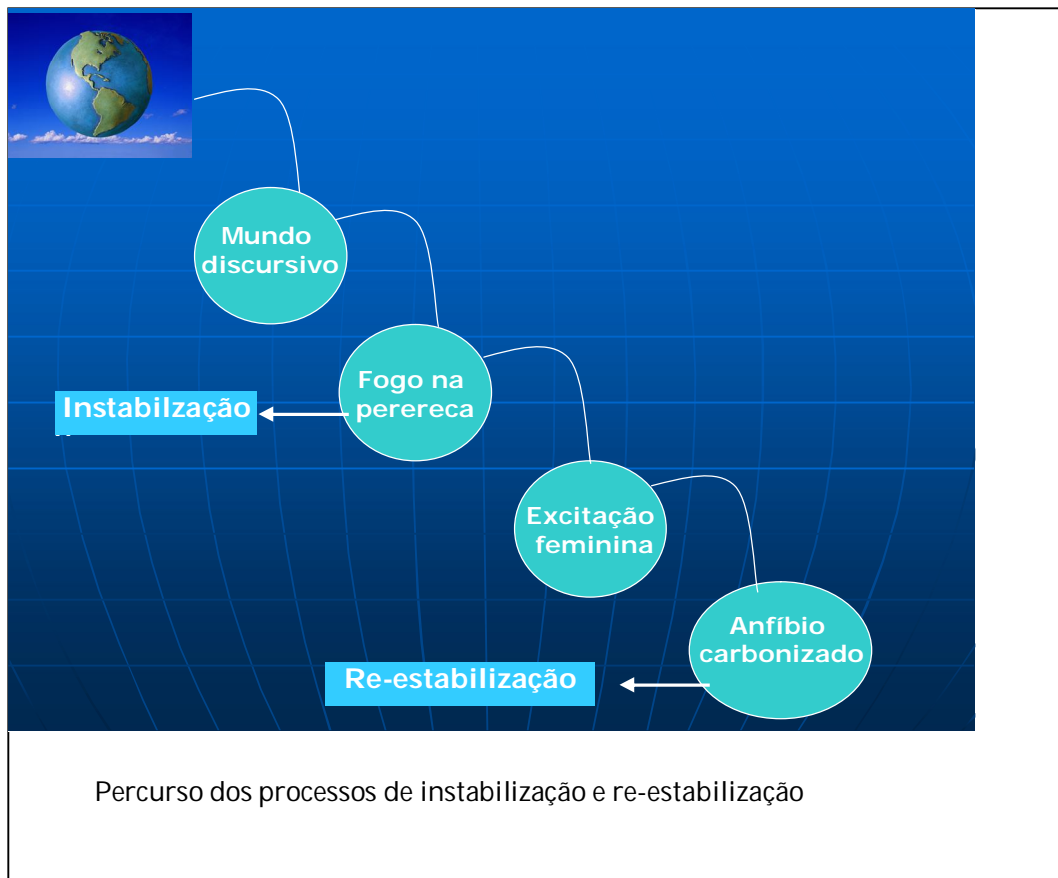
É interessante notar como se opera a relação entre o referente 'perereca' que constitui o nóculo central da rede conceitual e da cadeia referencial com os elementos de referenciação que se encontram à sua volta e perfazem o intercâmbio de operações cognitivas em um movimento reticular que abrange todo o texto, mas principalmente os itens explicitados.

Nesse pequeno texto, muitas operações envolvem tanto estratégias textuais, quanto cognitivas, uma vez que, na introdução do referente no texto, *ativação*, o leitor já começa a acionar em seus *espaços mentais* alguns *frames*, tais como o de órgãos sexuais e excitação feminina. Na sentença seguinte, ocorre a primeira *reativação* do referente, que se opera por meio de uma *anforização*, em que a direção argumentativa se coloca em um meio termo entre o sentido prototípico/biológico e o sentido sexual, mas o leitor, que ativara os *Espaços Mentais* de excitação sexual feminina, não será sugestionado pelo sentido biológico e acreditará que a referenciação ainda opera enquadrada no *Frame* sexual. A segunda *reativação*, que se opera por repetição dos mesmos itens lexicais, o leitor novamente é induzido a apreender o sentido desestabilizado do termo, algo que somente começará a ser desconstruído em uma operação de *de-ativação* do suposto referente e *ativação* de 'órgão

Anáfora e Cognição: processos referenciais e conceitos basilares em Linguística Cognitiva

*genital'*. A partir desse ponto, começa a "re-estabilização" referencial, uma vez que o termo sugere, no contexto, apenas um sentido e inicia o intuito do autor a começar a revelar que o conteúdo informacional desenvolvido pela referenciação não tem como fulcro a instabilidade arraigada em nossas vivências, mas sim a estabilidade que se mostra menos frequente que a primeira.

No diagrama abaixo, tentaremos expor os caminhos percorridos para que o intelecção do texto seja obtida. Em uma primeira fase, teremos a transposição dos objetos, seres e processos do mundo objetivo para o mundo discursivo, conseqüentemente transmutando-se em "*objetos de discurso*"; em seguida, o processo de referenciação iniciará uma seqüência de operações discursivo-cognitivas, que partirá da instabilização na relação entre os "*objetos de discurso*" e as coisas do mundo objetivo provocada pelo *MCI* do leitor e terminará com a "re-estabilização" referencial.



## **Palavras finais**

Para lograr o objetivo introdutório deste artigo, tentou-se uma análise que conjugasse os processos e princípios referenciais e os conceitos basilares da Linguística Cognitiva, para que o iniciante tomasse contanto com os pontos relevantes tanto de uma como de outra vertente, que consideram a linguagem em seu viés dinâmico e intersubjetivo, uma vez que a linguagem sempre se opera a partir de um único indivíduo, mas com o objetivo interacional.

Acreditamos que, com a análise apresentada, poderemos firmar algumas ideias sobre o processo referencial que evoluiu de uma mera relação biunívoca entre palavras no plano textual para uma relação em rede conceptual que emerge com palavras. Esta relação está ancorada em conceitos e processos cognitivos, evidenciando o postulado que afirma que o linguístico ativa a compreensão, mas o cognitivo compreende e realiza.

Consideramos também que tanto o co-texto quanto o contexto são extremamente relevantes para a efetivação da comunicação, de forma que com o primeiro temos os instrumentos que balizarão e ativarão nossos conhecimentos, vivências e atitudes com nós mesmos, com os outros e com o mundo, ou seja, o ato de referenciação não deve mais ser tomado como algo estático, uma vez que ao considerar a linguagem como atividade cognitiva autônoma, estar-se-á deixando de lado outros processos sensório-motores que nos auxiliam na comunicação, sobretudo com uso de metáforas e metonímias, relegadas desde sempre à Estilística, espécie de limbo entre a Gramática e a Literatura.

O ato de fazer referência aos objetos, seres e processos do mundo objetivo perpassa toda a nossa existência e fundamenta a maioria dos estudos linguísticos de forma contínua e enriquecedora, e, na sincronia atual, parece cada vez mais óbvio que devemos observar esses fatos não isoladamente como a antiga função especular nome/coisa que levava em consideração apenas as condições de verdade; devemos observar os fatos da língua em uma relação imbricada que considera o ser humano em toda a sua complexidade e completude.

Anáfora e Cognição: processos referenciais e conceitos basilares em Linguística  
Cognitiva

Não se postulou aqui um mergulho cognitivo, mas o entrelaçamento de algumas disciplinas relacionadas à linguagem para uma efetiva análise e formalização dos processos anafóricos de referenciação textual.

### Referências

FAUCONNIER, Giles. *Mental Spaces*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1985.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Editora Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *A Coesão Textual*. 20 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_. *Desvendando os Segredos do Texto*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_; MARCUSCHI, Luís Antônio. *Processos de Referenciação na Produção Discursiva*. DELTA, n. 14, p. 169-190 (número especial), 1998.

LAKOFF, G. *Women, Fire and Dangerous Things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

MARCUSCHI, Luís Antônio. *Anáfora Indireta: o barco textual e suas âncoras*. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 53-102.

MONDADA, Lorenza & DUBOIS, Daniele. "Construção dos Objetos de Discurso e Categorização: uma abordagem dos processos de referenciação". In: MORAES, Rachel M. C. Menezes. *Progressão Referencial e Anáfora em Textos Oraís*. *Anais do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos*, 2003.

ABSTRACT: *This paper combines the theories of textual linguistics with the basic concepts of Cognitive Linguistics for a textual analysis that takes into account both the linguistic co-text as the extra-linguistic context in the process anaphoric reference, showing that communication is not made only by words, but across a network cognitive interaction.*

KEY-WORDS: *Textual Linguistics; Cognitive Linguistics; Anaphora.*